

CINEMA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL PARA DISCURSÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM “VISTA MINHA PELE” (2003)

Rafael da Silva Abreu¹

Introdução

O presente artigo de experiência busca apresentar possibilidades teóricas e metodológicas para discussão das relações étnico-raciais em sala de aula. Para isso, acreditamos que o cinema é uma ferramenta importante neste processo, pois as imagens em movimento tem a peculiaridade intrínseca de despertar uma sensibilidade que pode ser convertida em um fomento para a pesquisa e debates. Como fala Rosenstone: “O filme dramático mira diretamente nas emoções” (2010, p.34). Além disso, como fala Napolitano (2003) quando utilizamos o cinema em sala de aula estamos realizando o encontro da educação formal com um instrumento do cotidiano do educando, assim, podemos discutir aspectos e valores sociais imbricados em uma obra artística pensada, anteriormente, apenas por seu viés estético.

Dessa forma, escolhemos o curta-metragem **Vista Minha Pele**, de 2003, para gerarmos discussões e reflexões sobre as relações étnico-raciais na sala de aula, em especial, nos detemos nas questões sociais relacionadas ao racismo. Tendo em vista, que encaramos como uma problemática social que ainda persiste em nosso meio. Além do mais, atendemos uma das prerrogativas da Lei nº 10.639 de 2003 que estipula a obrigatoriedade, nas escolas da rede básica de ensino, o estudo da história dos negros no Brasil, a cultura negra e do negro na formação da sociedade brasileira. Buscamos gerar debates sobre o racismo para repensar a sociedade brasileira numa perspectiva de visualizar a superação destas discrepâncias sociais.

1 Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco\Campus Garanhuns (2011); Cursa Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais da UFCG; Mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Professor da Rede Pública de Ensino do Estado da Paraíba. E-mail: abreurs@live.com.

O referido curta foi dirigido por Joel Zito de Araújo e argumento de Maria Aparecida Bento e lançado em 2003. Na tela observamos uma história invertida, onde a classe dominante brasileira é composta pela etnia negra, enquanto os brancos são os ex-escravos, pobres e marginalizados. O continente africano reúne as grandes potências mundiais, enquanto a Europa é formada pelos países pobres do mundo. Na história, Maria é uma menina branca que estuda numa escola da elite negra por ter uma bolsa de estudos, devido ao fato da mãe trabalhar como faxineira na escola. Vivendo num mundo onde os artistas e os padrões de beleza estão ligados a cor negra ela viverá o dilema de disputar um concurso na escola de *Miss festa junina* com Suely, a menina negra mais popular da escola. Recendo apoio de sua mãe e Luana, sua única amiga negra da escola. Como fala Maria Lima Teixeira a intenção do diretor foi “[...] de fomentar um repensar da alteridade do ponto de vista social e étnico: Joel Zito inverte a lógica histórica, para atestar uma desconfiguração no processo de representação” (2012, p. 03). Portanto, a película é uma interessante forma de gerarmos debates sobre a alteridade em sala de aula, esta pensada como:

[...] o “colocar-se no lugar do outro”, é produzir um sentimento da consciência de interdependência nas relações de construção identitária: dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato (TEIXEIRA, 2012, p. 03).

Encontramos na proposta do **Vista Minha Pele** a própria ideia de alteridade, de colocar-se no lugar do outro, ou seja, analisarmos as configurações étnico-raciais no Brasil a partir dos olhos do outro. O desenvolvimento desta atividade ocorreu no mês de junho de 2014, quando trabalhávamos os conteúdos do componente curricular de História, sobre a diáspora africana, escravidão negra no Brasil e a abolição da escravatura, em duas turmas do 2ª ano de Ensino Médio da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual de Ensino Médio Solon de Lucena, na cidade de Campina Grande – PB.

Diante disso, objetivamos aqui analisar a possibilidade de discutir o racismo em sala de aula a partir do curta-metragem **Vista Minha Pele** (2003), apresentando possibilidade e orientações metodológicas para a prática

pedagógica. Além, de lançar provocações para a reprodução e aperfeiçoamento desta prática pedagógica.

Metodologia

Após terem sido trabalhados os conteúdos referentes a diáspora africana e escravidão negra no Brasil colonial no mês de maio de 2014, em duas turmas do 2ª ano do Ensino Médio – EJA, com um total de 40 estudantes, decidimos realizar as ligações históricas com a contemporaneidade a partir de um audiovisual. Assim, o filme foi pensando segundo as premissas de Marcos Napolitano, podendo ser utilizado como “[...] um ‘texto’ gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor” (2009, p. 20).

Como primeira etapa, realizamos um levantamento dos materiais de apoio necessários e analisamos o audiovisual, bem como, a elaboração de um roteiro de visualização, pois acreditamos que este é uma ferramenta importante no processo, como fala Napolitano “[...] não esgotará a possibilidade de os alunos desenvolverem seu próprio olhar sobre os filmes, mas ajudará na sistematização do debate e no alcance dos objetivos da atividade” (2009, p. 28). Desta forma, no dia 04 de junho de 2014, entregamos o roteiro impresso que já constava com a sinopse e a ficha técnica do curta-metragem, realizando uma breve apresentação da produção e as provocações a serem discutidas após a visualização.

Estas provocações foram norteadas em quatro eixos. No primeiro eles a realização de uma pesquisa, fora da sala de aula, sobre a produção do curta, ou seja, seu contexto histórico e de produção; depois apresentaram suas leituras sobre a visualização, fala da narrativa e estrutura; no terceiro momento, foram provocados a fazer uma analogia, entre a narrativa da película com a sociedade contemporânea na qual estão inseridos, analisando a presença do preconceito racial na atualidade; por fim, criaram hipóteses para solucionar a problemática discriminatória na sociedade.

Depois de elencados os objetivos e atividades a serem realizadas, o curta foi exibido na íntegra, por ter, apenas, cerca de 20 minutos não sentimos necessidade de realizar cortes na exibição. Após a visualização fizemos um debate com as primeiras impressões e dúvidas, os educandos levaram o roteiro

com as provocações para realizarem pesquisas e uma reflexão com mais calma, na semana seguinte, no dia 11 de junho, com o roteiro respondido em mãos, realizamos outra discussão. Acreditamos que esta etapa tenha sido relevante por permitir um compartilhamento das visões sobre a problemática abordada.

Resultados e Discussão

Sobre a primeira provocação, podemos perceber no relato escrito e, posteriormente, no debate que foram citadas as motivações pessoais do diretor do filme, Joel Zito, que possui um trabalho, tanto como cineasta quanto acadêmico, sobre questões da negritude na história do Brasil. Percebendo que o curta-metragem foi produzido, principalmente, com a função de provocar discussões raciais a partir de sua visualização, o que nós estávamos fazendo, justamente, naquele momento.

Quando debatemos a narrativa do curta-metragem, a inversão dos papéis sociais foi encarada de forma criativa, até mesmo, a relação com o título do mesmo, **Vista Minha Pele**, que trouxeram a proposta de pensar o outro a parte de seu campo social, se colocando no lugar do mesmo. Tendo em vista, como analisa Hartog (1999) o outro só existe a partir do eu, o colocando como o diferente de si, então essa metodologia de si pensar o outro num relação inversa altera os jogos sociais fazendo pensar a si a partir da posição do outro. Quando o contexto social atual foi confrontado, percebemos que o racismo ainda persiste em nossa sociedade, as vezes, de forma velada. Curiosamente outras posturas discriminatórias também entraram na discussão, como o Bullying praticado nas escolas. Como solução, enfocaram numa maior rigorosidade na legislação para punir ações discriminatórias, porém foi posto em debate, pelo professor, a já existência da Lei 7.716/1989, que torna racismo crime inafiançável, dessa forma, discutimos uma educação significativa e mais igualdade social como alternativas a este cenário.

Conclusão

Dessa forma, percebemos que a utilização do curta-metragem proporcionou gerar o debate e a pesquisa sobre as relações étnico-raciais, enfocando no racismo no Brasil. Assim, confrontamos a problemática apresentada em **Vista Minha Pele** com o contexto social dos alunos, tornando a atividade relevante para a construção da sociedade cidadã. Os objetivos de utilizar o curta-metragem como gerador de debates foi eficaz, confrontando a realidade preconceituosa com possíveis soluções, a partir de pesquisas e provocações do professor. Acreditamos, diante disso, que os recursos audiovisuais são uma ferramenta importante para discussão das relações étnico-raciais.

Referências

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte – MG: Editora da UFMG, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Cadernos do professor**. v. 2. São Paulo: FDE, 2009, p. 10-31.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e terra, 2010.

TEIXEIRA, Mariana Lima. **“Vista Minha Pele”**: A alteridade etnicorracial em **Solar do Príncipes de Marcelino Freire**. 2012. Disponível em: <http://www.uneb.br/xique-xique/dcht/files/2012/08/Vista_minha_pele-Maiana_Teixeira.pdf>. Acesso 21 jun 2014.

VISTA A MINHA PELE. Direção de Joel Zito Araújo. São Paulo: Casa de Criação/Ceert, 2003. Vídeo - DVD (23 min).